

Paris N'América: migração da moda em Belém do Pará

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes

Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém, PA, Brasil

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8345-3528>

E-mail: marcianunes2011@gmail.com

Resumo: Francisco de Castro, comerciante português foi o primeiro a trazer o luxo da França e fazer com que isso transbordasse pelas ruas de Belém de forma intensa, num magazine denominado *Paris N'América*, localizado na Rua Santo Antônio, nº 132. O ecletismo será o símbolo da modernidade na representação arquitetônica das mudanças de comportamento trazidas pela riqueza do ciclo da borracha. A construção se beneficiava de novas técnicas e materiais, adotava novas maneiras de implantação e organizava-se de maneira diferenciada nos interiores. O artigo visa apresentar o resultado de pesquisa sobre imigração advinda na época da Belle Époque em Belém do Pará. Fase notadamente marcante com grande influência europeia através importação de materiais onde é possível entender a importância da imigração.

Palavras-chave: Imigração; Portugueses; Paris N'América; Belém-PA; Ecletismo.

Paris N'América: fashion migration in Belém do Pará

Abstract: Francisco de Castro, a portuguese merchant, was the first to bring the luxury of France and make it overflow through the streets of Belém intensely, in a magazine called Paris N'America, located at 132 Santo Antônio Street. Eclecticism will be the symbol of modernity in the architectural representation of the behavioral changes brought about by the richness of the rubber cycle. The building benefited from new techniques and materials, adopted new ways of implantation and was organized differently in the interiors. The article aims to present the result of research on immigration coming at the time of the Belle Époque in Belém do Pará. Remarkably striking phase with great European influence through importing materials where it is possible to understand the importance of immigration.

Keywords: Immigration; Portuguese; Paris N'América; Belém-PA; Eclecticism.

Texto recebido em: 30/09/2019

Texto aprovado em: 16/11/2020

Migração portuguesa em Belém do Pará

A cena em Portugal se repetia diversas vezes: “sair de sua aldeia em direção ao Brasil. Ir juntamente com um conhecido, um irmão, um pai, ou outro jovem da aldeia, quase da mesma idade, ao Distrito¹ mais próximo e registrar o pedido de um passaporte para o Brasil. Mas que Brasil”? Provavelmente os destinos mais conhecidos: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Minas Gerais. Os lugares, nomes e

caminhos percorridos com maior frequência por diversas gerações de imigrantes portugueses. Para Cristina Cancela, na segunda metade do século XIX, mais precisamente no último quartel daquele século, um número cada vez maior de aldeões, passa a ter escrito em sua trajetória o nome de um lugar: “Pará”, ou mesmo, “Cidade do Pará”, como também era conhecida a capital daquele Estado, Belém. (CANCELA; COSME, 2016)

O conceito de migração é aqui entendido como um processo de deslocamento de um país para outro, que pode ocorrer com ou sem a anuência política e burocrática do Estado Nacional. Ela pressupõe a transferência geográfica do indivíduo por um tempo definitivo ou longo, residindo e (re)criando sua experiência, estabelecendo rupturas com o local de origem, mas também continuidades, pois os dois espaços de referência, o antigo e o novo, estão muitas vezes articulados por redes familiares, de amizade, de conterraneidade, atualizadas pelos indivíduos ou pelos grupos e famílias. (ALVES, 1994, p. 23-24)

Chambouleiron (2010) destaca que a presença e ocupação portuguesa na Amazônia, onde se localiza o Estado do Pará, remete ao período colônia. Contudo, neste artigo, vamos nos concentrar no momento em que essa presença foi estimulada pela economia da borracha, entre os anos de 1850 a 1920, quando a maior liquidez econômica, a implantação e ampliação dos equipamentos e serviços urbanos, somados à navegação a vapor, atraíram levas de migrantes².

As habilitações consulares³ constituem-se em livros de registros de súditos portugueses mantidos pelo Consulado de cada localidade, e foram criados como uma forma de controle destes nacionais. A manutenção desses registros constituía-se em uma das obrigações do consulado. Os livros de registro das habilitações consulares encontrados para o Pará têm como data inicial, o ano de 1858, e vão até o ano de 1959, sendo que o ano de 1912 não foi localizado. Trabalhamos apenas com as habilitações relativas aos anos de 1858 a 1918, perfazendo um total de 10.576 registros (Tabela 1).

É importante ressaltarmos que os deslocamentos migratórios portugueses para o Brasil são anteriores a este período e, pelo menos ao longo do século XVIII, esta imigração já se apresentava. Este fato desencadeou uma política de controle da migração por parte da Coroa Portuguesa, que emitiu seguidas Resoluções, Alvarás e Decretos como tentativa de regulamentar a migração. Como exemplo, temos a Resolução de 16.07.1709, que restringia a partida de indivíduos para terras brasileiras; o Decreto de 25.11.1709, que impunha a obrigatoriedade de passaporte

para quem fosse viajar para o Brasil; e, finalmente, o Alvará emitido em 1755 que criava a Junta de Comércio a fim de reforçar as medidas de controle comercial. (COSME, 2007, p. 7)

TABELA 1**Imigração portuguesa para o Pará (1834-1918)**

Período	Quantidade	%
<u>antes</u> de 1850	246	2,3
1850-1864	1.616	15,3
1865-1874	2.687	25,4
1875-1884	1.234	11,7
1885-1894	709	6,7
1895-1904	878	8,3
1905-1914	1.738	16,4
1915-1918	548	5,2
<u>sem</u> informação	920	8,7
Total	10.576	100

Fonte: Habilitações consulares ,1858-1918.

Assim como as habilitações consulares, os registros de passaporte criados para ter o controle dos deslocamentos de pessoas, no reino e fora dele, também não dão conta da totalidade do fluxo migratório. A imigração clandestina não é contabilizada nesses registros. Além disso, por vezes, nos passaportes constava apenas o nome do marido, embora a esposa, os filhos e possíveis parentes, agregados ou criados também estivessem migrando. Todos esses fatores comprometem e subestimam os números da imigração. Mas, a despeito desses limites, os registros de passaporte constituem-se em uma fonte fundamental para o estudo dos fluxos migratórios pela sua longa periodicidade, regularidade e capacidade de análise serial e quantitativa. (CANCELA; COSME, 2016, p. 11)

Cancela e Cosme (2016, p. 13) afirmam que parcela significativa dos imigrantes que realizaram seus registros era originária das províncias do Douro (20,4%) e do Minho (15,4%)²⁰, seguidos das províncias da Beira Alta (5%), Estremadura (3,2%) Trás os Montes (2,3%) e Beira Baixa (3%). A maioria esmagadora dos imigrantes era formada por homens (98%) e um número bastante reduzido de mulheres (2%). Esses homens chegavam majoritariamente na idade entre 20 a 29 anos (43%). Os mais jovens, entre 15 e 19 anos de idade também migravam significativamente (13%), assim como aqueles nas faixas etárias mais elevadas entre 30 a 34 anos (16%). Os homens que se declararam solteiros

compunham a maior parte (69%), comparados ao número de casados (26%) e ao de viúvos (2%). Entre as poucas mulheres encontradas nos registros, a maioria era solteira (70%), um número menor declarou ser casada (13%) ou viúva (8%).

Quando analisamos os setores e atividades exercidas por estes imigrantes portugueses, vemos o predomínio de práticas associadas ao comércio, seja na condição de proprietário de casa comercial, caixeiro, empregado comercial ou vendedor de produtos na rua. Daqueles que declararam a profissão ao fazer o registro consular, 46,4% estavam envolvidos com atividades comerciais⁴. Um número bastante expressivo, confirmando a forte presença portuguesa nestas atividades verificada em demais trabalhos. (CANCELA; BARROSO, 2011, p. 60-67) Outras atividades apareceram em menor escala⁵.

É importante destacar que uma das funções atribuídas ao consulado era apoiar os comerciantes, favorecendo a circulação de produtos portugueses nos locais em que estes órgãos se encontrassem, como se pode deprender da regulamentação consular: 'deverá o funcionário consular prestar os seus bons officios, aos comerciantes, caixeiros e demais agentes que, residindo ou viajando no districto consular ahi procurarem receber ou satisfazer encomendas de gêneros portugueses proporcionando-lhes quaisquer esclarecimentos que possam facilitar o exito da sua missão'.⁶

Migração e os negócios

Melhorar de vida na América Portuguesa era um desejo que preenchia as esperanças dos homens e mulheres que migravam para o Brasil. Afirma Guimarães (2018, p. 127) que essa situação não se fazia diferente entre os lusitanos que desciam nos portos do Pará. Havia pouca certeza de que conseguiriam êxito em suas ações. Fracasso e prosperidade constituíam uma linha tênue na vida dos imigrantes lusitanos que partiam para Província paraense.

Os registros de passaportes como fonte que identifica a saída dos imigrantes permitem observar uma imagem muito turva de como esses indivíduos pretendiam realizar seu ideal na terra de acolhimento. Poucos lusitanos expressavam na documentação de partidas as razões das viagens. Dos 73,2% dos passaportes omissos, da mostra de 1.339 passaportes coletados⁷ para os anos de 1800-1850, afirmavam que os portugueses não tinham clareza do que poderiam fazer na cidade paraense. O restante das omissões em que aparecia o motivo da viagem chegava a 26,8%, onde 315 indivíduos formavam um conjunto diversificado de pessoas que

indicavam motivação de suas viagens por interesses em “estabelecer-se”, “tratar de negócios”, “atender chamado de um parente estabelecido” e “navegar aos portos do Pará”, tratando-se, assim, de imigrantes que se dirigiam para atividades cidadinas, vinculadas aos negócios mercantis:

Embora não configure nos documentos de embarque da maioria dos portugueses que migravam, esse era o setor da economia mais desejado pelos lusitanos que chegavam ao Pará. Em seus variados níveis, desde os grandes negociantes de grosso trato até o pequeno trabalhador do comércio, como caixeiros, os negócios comerciais mantinham um espectro sedutor para com os imigrantes lusitanos. (GUIMARÃES, 2018, p. 127)

Pelo porto do Pará, de um lado afluíam os produtos locais e, de outro, entravam na cidade as embarcações de longo curso, inicialmente com forte predominância dos navios vindos dos portos de Lisboa e da cidade do Porto e, depois de 1808 se destacava a participação de navios da Inglaterra e dos Estados Unidos, abastecendo a cidade e seus arredores com mercadorias importadas. A Rua dos Mercadores e a Rua Nova do Imperador, antes de se tornar a Rua João Alfredo e o Boulevard da República, respectivamente, formavam importantes corredores dos estabelecimentos comerciais de Belém a partir do final do século XIX. Mesmo depois de forte penetração dos negociantes de várias nacionalidades com suas mercadorias e serviços, podemos atestar que os portugueses, independentemente do grau e volumes dos negócios, tinham um papel destacado nesse espaço de atividades, conforme se pode notar por meio dos registros de passaportes, habilitação consular, relação de portugueses residentes realizada pelo Consulado, testamento ou inventário *post mortem*. (GUIMARÃES, 2018, p. 136)

A partir da segunda metade do século XIX e, mais precisamente, no período de 1870 a 1910, Belém ficou conhecida como o período áureo da riqueza advinda da extração e comercialização da borracha, na Belle Époque. Logo, foi uma época de euforia econômica, social e cultural que tomou conta do Estado do Pará e também a era de maiores intervenções na cidade com a finalidade de modernizá-la e assim preencher os anseios da nova elite paraense. Esse era o cenário de Belém no início do século XX, sob a intendência do senador Antônio José de Lemos⁸, figura de um mecenas à Renascença, onde muitas melhorias foram realizadas no setor de infraestrutura: construção do porto, implantação de redes de água e esgoto, iluminação, telefone, transporte urbano, e urbanização de vias – visavam agilizar a

exportação e o comércio da borracha, mas contribuíam, também, para introduzir as mais modernas tecnologias na região. (NUNES, 2015, p. 1)

O século XIX com o advento da industrialização e da burguesia gerando um novo estilo de vida, estimulou o desejo pelas inovações e o gosto pela imitação, fazendo da moda um fenômeno democrático. As mudanças na moda estão intimamente ligadas às mudanças do modo de pensar, ser e sentir de uma sociedade, algo como a constituição de uma “nova sensibilidade”, bem como definiu Bresciani em seu estudo das cidades do século XIX. (SARGES, 2010, p. 47)

Na transição para o século XX, com o constante crescimento das exportações e os investimentos recebidos pelo espaço urbano, segundo observação de Sarges (2002, p. 163), “o cenário central da cidade vai ser transformado em espaço elegante e chique, por onde deveria desfilarem a burguesia exibindo seu poder, luxo e riqueza”. Ruas como João Alfredo e Santo Antônio ganharam calçadas de mármore. Nesses espaços, vinham se erguendo, desde a segunda metade do século XIX, os símbolos desse sonho inalcançável de transformar Belém em uma Paris nos Trópicos. Ao andar pela Rua João Alfredo no despertar do século XX, clientes deparavam-se com lojas como A Formosa Paraense, inaugurada em 1864, e outras, como o Bazar Parisiense, Leão do Norte ou Louvre. Os magazines que comercializavam os itens da moda também se desenvolveram de forma imponente – entre eles, o símbolo dessa fantasia europeia: a loja Paris N’América, bem no começo da Rua Santo Antônio. (HAGE, 2013, p. 99)

Não há dúvida de que a moda é um fenômeno típico da sociedade urbano-industrial, estimuladora do consumo e do símbolo do desperdício, uma vez que existia um mercado internacional de tecidos. Dessa forma, a moda servirá a estrutura social e subjugará a sociedade, tanto faz ser de Belém como do Rio de Janeiro, a um modo internacional do “bem vestir”. A primeira moda que se impôs no Brasil, segundo Esquenazi (2009), foi a francesa, a partir da chegada da família real portuguesa em 1808. Os nobres eram conhecedores das tendências e sabiam que quando o assunto era requinte no vestuário, os franceses estavam sempre à frente.

A moda, de acordo com Baudot (2002), continua sendo desde o início do século XX o bom negócio de Paris. Assim, a nova classe emergente brasileira se vê na necessidade de comportar-se com civilidade, sendo a moda um indicativo desta postura, afirma Esquenazi (2009). Segundo Braga e Prado (2011), se Paris ditava a

moda para o mundo, a capital brasileira daquela época, Rio de Janeiro⁹, irradiava valores para o resto da nação, ditando os comportamentos e a moda francesa.

O luxo da moda francesa desta época não tinha um preço agradável ao bolso. As lojas chiques somavam ofertas de tecidos e aviamentos com roupas prontas importadas de Paris, considerando que a produção de roupas prontas era mínima no Brasil. Segundo Braga e Prado (2011), a moda pronta feminina advinda da Europa era muito cara, assim as mulheres que tinham ambições sociais, mas tinham poucos recursos, copiavam meticulosamente os modelos das lojas, ansiando que outros não percebessem que eram roupas feitas em casa. No Brasil dos séculos XVIII e XIX, os tecidos das damas funcionavam como marco de discriminação social. Para as damas ricas, senhoras ausentes, serafins, sedas e veludos; e para gente comum, os panos do tipo inferior, como o algodão. As grandes damas quase nunca apareciam em público e, quando o faziam, era com grande ostentação de roupas.

Na cidade de Belém do século XIX, mulheres das classes abastadas tinham um zelo especial pela indumentária, tanto que mandavam buscar seus vestidos em Londres e/ou Paris. Para resolver essa questão, estabelecimentos comerciais se instalaram para atender o requinte de damas e cavalheiros. Entre essas casas, destacamos a Paris N'América, o Bon Marché e as casas exclusivamente de modas e chapéus como a Maison Française, de Mme. Russo, entre tantas outras, além de lojas ambulantes que vendiam, em carros e tabuleiros, fazendas francesas, inglesas e diversas miudezas. (SARGES, 2010, p. 50)

Migração e a família Francisco de Castro

Nunes e Hatoum (2006) contam ainda que Belém de Paris era Paris de Belém, ou como passou a ser conhecida a Paris N'América. Os seringalistas, os donos de seringais, e os grandes fazendeiros viviam em constantes viagens entre as duas cidades que até chegavam a confundir as duas metrópoles. Era comum as famílias mandarem lavar suas roupas em Londres ou passar temporadas de um ou dois anos na Suíça ou Paris.

Em contrapartida, a Belle Époque vivida em Belém tinha seus paradoxos que além da migração estrangeira, houve a migração nordestina para as frentes de trabalho na Amazônia, mais precisamente na coleta da borracha, que impôs um

aumento demográfico de caráter substancial. A maior diferença foi que a migração dos nordestinos era para trabalhar nos seringais e não tinham mordomias. Os estrangeiros trouxeram, em sua maioria, consigo ideias de empreendedorismo e se instalaram no comércio de Belém, como é o caso de Francisco Pereira de Castro, fundador da loja Paris N'América. (ANDRADE, 2004)

Francisco Pereira de Castro veio de Portugal com a idade de 14 anos tentar a vida no Brasil, na cidade de Belém do Pará. Alda Henriques (2013), bisneta de F. de Castro, conta que ele iniciou como caixeiro viajante. Conseguiu emprego como servente na loja de tecidos “Bon Marché”, situada na Rua Santo Antônio, via que dá seguimento a Rua dos Mercadores. Nessa loja, fez carreira, sendo promovido a balconista e depois gerente. Em 1870 funda junto com Jerônimo Cardozo Botelho a 1ª loja Paris N'América iniciando sua atividade na Rua Santo Antônio com a Rua 13 de Maio nº 104, onde funcionava a casa “Tecidos Monteiro”, fazendo fortuna negociando com tecidos, a maioria oriunda da França, na época áurea da borracha. Este fato se confirma com um documento encontrado no acervo da Família Henriques, o qual ambas as partes assinam o contrato de sociedade, registrado na extinta Junta Comercial de Belém em 1877¹⁰. No papel, consta a informação que F. de Castro teria o direito de residir nos andares superiores da loja, assim como a obrigação de cuidar diretamente do estabelecimento, enquanto Botelho cuidava dos assuntos administrativos. (FERREIRA, 2015, p. 5-6)



Fonte: Acervo pessoal da família Henriques.

FIGURA 1

Francisco de Castro com sua esposa e filha Anna Margarida

Anos depois, se desentendeu com Sr. Botelho, proprietário da Bon Marché, o qual foi desligado da firma, tornando-se assim o único proprietário. No ano de 1905, Francisco de Castro adquiriu um terreno no quarteirão em frente ao “Largo da Misericórdia”, atual Praça Barão do Guajará, no bairro de Campina. Em 5 de setembro de 1906, começa a construção do que viria ser uma “casa de modas”, em novo endereço: na Rua Santo Antônio nº132, para então ser finalizada em 1909¹¹ - o prédio da Paris N’América. A loja de Francisco de Castro era uma loja de tecidos e armarinhos nos dois primeiros andares - loja e sobreloja, no terceiro andar sua residência e no sótão, quarto andar, antiga mansarda e residência de empregados, onde ainda era possível ir até o mirante para avistar o cais, e assim estrategicamente ver a chegada das mercadorias. Foi o primeiro a trazer o luxo da França e fazer com que isso transbordasse pelas ruas de Belém de forma intensa. (GARCIA, 2007)



Fonte: Acervo pessoal da família Henriques, 3ª geração após Francisco de Castro.

FIGURA 2

Bilhete Postal do prédio Paris N'América, sem data



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional. Laemmert, 1908. In: *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro 1891 a 1940*.

FIGURA 3

Anuncio Paris N'América, 1908

Nesse período, as lojas de departamentos surgem como um desses novos espaços dedicados às mulheres. Assim, segundo Rita Andrade (Apud. Garcia, 2007), o conceito de loja de departamentos surge entre 1830 e 1840 na França e na Inglaterra, criados especificamente para que se cultivassem e despertassem o desejo pelo luxo. Francisco de Castro fez a diferença, utilizando-se da ideia de luxo e glamour em suas vendas, transformando o Paris N'América em uma loja de magasins de nouveautés (grandes magazines), o que em 1840 se conceitua como:

butiques que reuniam mercadorias diversas – que se resumiam (...) aos tecidos e objetos de luxo – drapeados, forros para decoração, botões, luvas e peças confeccionadas, como robes de chambre, xales e, ocasionalmente, acessórios, sombrinhas e armarinhos. (BONADIO, 2008, p. 48)

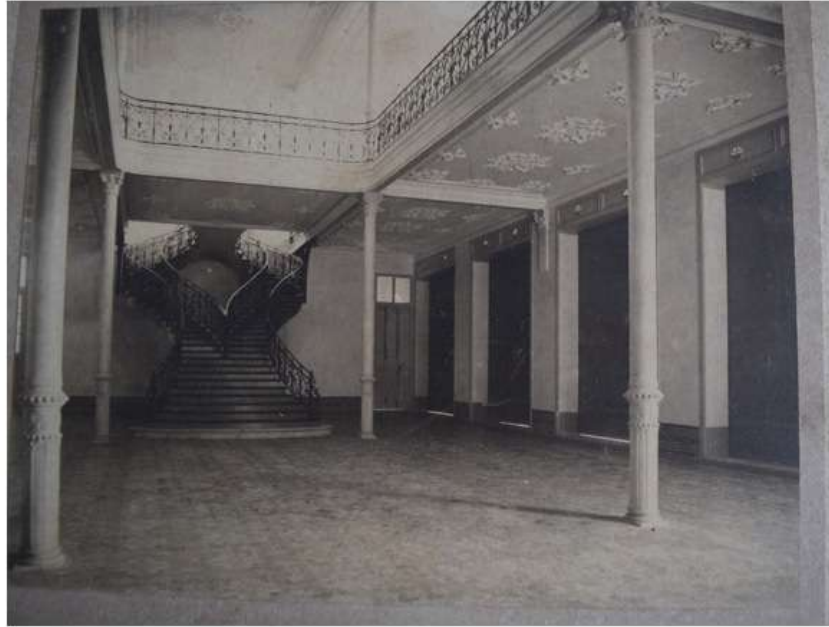
A maioria dos projetos arquitetônicos e urbanísticos construídos durante a *Belle Époque* paraense levam a assinatura de engenheiros e arquitetos estrangeiros, assim como a mão de obra. Para concepção do projeto arquitetônico Francisco de Castro contratou o projeto da nova loja de modas de Filinto Santoro¹². A empresa que construiu o Paris N'América foi a firma Salvador Mesquita & C^a (ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, 1913, p. 350-351), pertencente desde 1884 aos Srs. Ricardo F. Mesquita, Carlos Silva e José Fernão Mesquita, todos portugueses amigos de sua

pátria como os melhores que o são. O projeto desse palacete e as obras se fizeram sob o comando de Raimundo Viana, um dos estetas da época (BASSALO, 2008). Novidade, audácia e modernidade pontuaram o projeto dessa casa comercial numa arquitetura adaptada às necessidades do comércio e à residência particular do proprietário. Francisco de Castro inspirado nas *Galeries Lafayette*, cria seu “empório de luxo” numa imagem espetacular: uma escadaria central de ferro importada, lustres de cristal, vitrinas e um elevador interno, onde a abundância e o luxo das mercadorias atraía a atenção dos clientes se estabelecendo como centro de consumo da alta elite paraense feminina, que participava de um conjunto de eventos sociais, como recitais e festas (HAGE, 2017).

O ecletismo será o símbolo da modernidade na representação arquitetônica das mudanças de comportamento trazidas pela riqueza do ciclo da borracha. A construção se beneficiava de novas técnicas e materiais, adotava novas maneiras de implantação e organizava-se de maneira diferenciada nos interiores. O *art nouveau* apareceu, como detalhe nas fachadas, mas, sobretudo, como decoração interna, utilizada inicialmente em prédios públicos e depois reproduzida na arquitetura privada. Dessa feita, na construção do palacete de Francisco de Castro, nos dois primeiros andares onde funcionava o grande magazine na decoração interna era possível identificar várias artes decorativas, bem como suas tipologias, técnicas e evolução estilística. No interior da loja o maior destaque é uma monumental escada *art nouveau* confeccionada em ferro fundido na França. Estrutura em aço importada da Escócia (Glasgow), a escada em estilo *art nouveau* cujo degraus e corrimões, lançados em duas sinuosas curvas, se encontram a altura do mezanino; o lustre, espelhos e vidrarias são de origem francesa. No primeiro andar o piso de cerâmica desenhada veio de Berlim; os tetos foram todos trabalhados em estuque a gesso. Os azulejos e as pedras são portugueses, estas procedentes de Lioz; a louça inglesa; da Amazônia estão presentes todas as esquadrias, confeccionadas em acapu, e os pisos da sobreloja, residência e mansarda feitos de acapu e pau-amarelo.

Na análise arquitetônica dos forros no edifício Paris N'América, o trabalho dos mestres de obra Salvador e Mesquita fiscalizado pelo engenheiro Raimundo Viana dos dois pavimentos pertencentes à loja, enfocaram a técnica do estuque¹³ por meio dos elementos bidimensionais moldados em relevo, produzidos com argamassa de cal, areia e gesso, material requintado, delicado e sensível às

intempéries, sendo representadas figuras geométricas no 2º pavimento, e figuras orgânicas e motivos florais no 1º pavimento.



Fonte: Acervo pessoal da família Henriques.

FIGURA 4

Escada em ferro em estilo Art Nouveau

407

No edifício Paris N'América o piso do pavimento térreo é decorado com cerâmica alemã como se fosse um tapete revestindo toda a área da loja. As bordas decoradas com motivos de talos entrelaçados, folhas estilizadas e dragões. Possui um rodapé, tipo uma barra de ladrilho cerâmico bordeando a loja no térreo. As cores predominantes são marrom, azul, bege, caramelo, branco e vermelho queimado. No 2º pavimento o piso era todo em madeira – todas vieram da região amazônica. Bem como todas as esquadrias do palacete. Eram utilizadas as madeiras acapu e pau amarelo. Os rodapés e escadas internas também eram de madeira. O piso do mezanino é de tábuas corridas - do tipo “meia madeira/meio fio” – em acapu e pau amarelo com motivos geométricos em vários quadrantes. O piso desse salão recebeu vários desenhos geométrico distintos, com rodapés altos em almofadas de madeira – *apliques*. (NUNES, 2017)

Nunes (2019) observa que os espaços - loja, sobreloja e serviços com circulação vertical única - destinados a função comercial, consistem num plano

linear único que organiza ao longo de seu comprimento uma série de espaços que diferem de função: exposição, venda e mostruários com distintas mercadorias. Assim, no 1º e 2º pavimentos estaremos distinguindo os acessos, a área social – destinada aos clientes e a área de serviço – zona destinada ao transporte de mercadorias, copa e banheiros dos clientes e dos empregados da Paris N’América. As esquadrias no térreo formavam as vitrines compostas por grandes vãos de vidro fixos: três vãos no lado da fachada menor e cinco vãos no lado da fachada maior com o objetivo de atrair compradores ao vislumbrarem as mercadorias, novidades e requinte interno da loja – as vitrines despertavam todas as aspirações e todos os desejos.



Fonte: Acervo pessoal da família Henriques.

FIGURA 5

2º pavimento – sobre-loja do Paris N’América

Para circulação vertical foi encomendada uma escada monumental em art nouveau constituída por uma forma tridimensional, tratada como uma escultura, solta dentro do espaço. Verdadeiro aparato decorativo confeccionado em ferro fundido na França com função estrutural: a escada possui degraus e corrimãos lançados em duas sinuosas curvas, que se encontram a altura do mezanino e guarda-corpo, também no estilo *art nouveau*. Sustentado por quatro colunas de

ferro que adornam e sustentam o térreo e o mezanino em estrutura de aço importada da Escócia – Glasgow:

Para montá-la no outro lado do Atlântico, Francisco Pereira da Silva Castro fez vir um técnico europeu especializado no assunto. Nas colunas de ferro da Glasgow, ornadas com capitéis coríntios no térreo e sobreloja, dispunham-se lampadários com bicos de luz tipo ‘vela’ (BASSALO, 2018).

A escadaria é transportada para Belém em 31 de dezembro de 1907 pelo valor de R\$ 3.270.440 contos de réis¹⁴. Para arrematar o encontro das duas curvas sinuosas da escada, é inserida uma escultura feminina em bronze com iluminação no térreo que se encontra sobre um pedestal do mesmo material. Os espelhos de cristal eram elementos de modernidade e encontram-se emoldurados nas laterais da escada em toda altura da parede e no patamar da escada na sobreloja, de acordo com os padrões estéticos considerados de bom gosto naquele período.

A sobreloja, era equipada com elegantes camarins onde se preparavam desfiles de modas; a área social que se estende aos clientes onde o conceito de loja no estilo departamentos, funcionava com a finalidade exclusiva de venda das roupas e artigos de luxo e moda para mulheres, além de diversos tecidos, que ficavam em exposição em armários-vitrines e só eram vendidos após a escolha dos clientes, evitando o acúmulo de poeira nos mesmos. O espelho no término da escada art nouveau no pavimento superior refletia os espaços de vendas dos grandes armários-vitrines e os camarins dos desfiles. O guarda corpo do mezanino em ferro fundido remete aos mesmos desenhos art nouveau do guarda corpo da bela escadaria. O teto no mezanino foi também trabalhado em estuque de gesso com motivo de desenhos geométricos e é arrematado com belo lustre francês, composto de 44 lâmpadas, dando um ar de sofisticação e requinte adornando a loja: “para limpá-lo, o mesmo empregado encarregado da manutenção do relógio, era quem fazia a descida e a limpeza dos diversos”. (NUNES, 2019)

Nas fotografias acima do interior da loja, doadas pelo bisneto de Francisco de Castro, Nunes faz-se uma leitura da época da Loja Paris N’América sob comando de Francisco de Castro¹⁵, onde se percebe que a loja Paris N’América foi idealizada como o lugar que ditava a modernidade onde o público se comunicava com a loja através das grandes vitrines de vidro e do interior dessa loja avistava-se a rua e vice-versa num novo movimento da cidade. A elite desejava estar nesse local, no ambiente criado por Francisco de Castro que mesmo num momento de “oferta” da

loja – “Semana da Lettra Encarnada”, homens e mulheres se faziam presentes: as mulheres comprando no andar térreo com ofertas exclusivas de tecidos e, no mezanino, 2º andar, os maridos ficavam a usufruir do espaço e observando suas mulheres nas suas compras. Nesse 2º pavimento aconteciam desfiles e os produtos mais especiais como chapéus, luvas, armarinhos finos eram vendidos com atenção por pessoas que explicavam sobre o uso.



Fonte: Acervo pessoal da família Henriques.

FIGURAS 6 e 7

Interior da loja no térreo e 1º pavimento em dia de movimento

Belém nasceu, cresceu, se desenvolveu e se transformou na Metrópole da Amazônia a partir das riquezas do solo paraense, de toda biodiversidade regional e, especialmente pela força dos imigrantes no comércio, influenciando outras cidades desenvolvidas em diversas regiões do Pará: “na década de 40, surgiram as modificações impostas pela vida moderna. As lojas de vitrines, a moda importada, o mercado de tecidos finos, de acabamentos e decoração, os magazines e as primeiras galerias”. (PERSONAGENS DO COMÉRCIO, 2018)

Migração e patrimônio

Após a morte de Francisco de Castro, em maio 08 de maio de 1923, a firma individual F. de Castro passa a partir de 11 de outubro de 1923 ter como atual proprietária a viúva Tereza Freitas de Castro, localizado no Largo da Misericórdia nº 01, com gênero comercial de vendas de fazendas, artigos de modas e de armarinho, por grosso e ao retalho¹⁶.

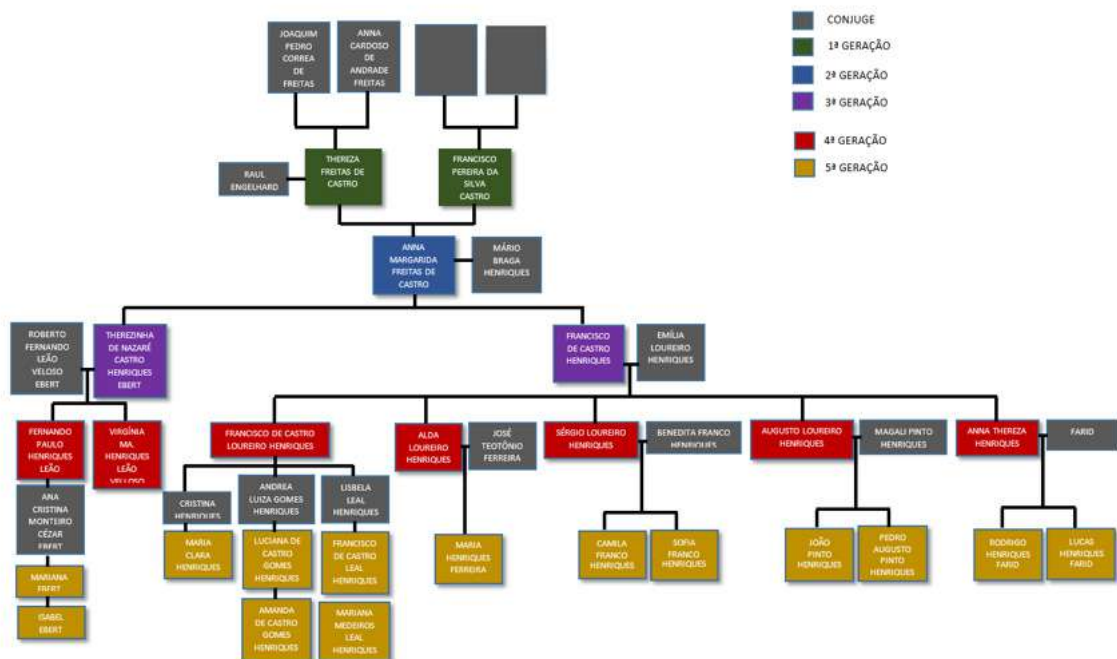
No dia 11 de abril de 1950, após a morte de Tereza Freitas de Castro Engelhard, falecida no Rio de Janeiro, é feita nova escritura de alteração da firma individual F. de Castro com elevação de capital, admissão de novos sócios e transformação em sociedade anônima, sito a Rua Santo Antônio nº 36. Assim, fica transformada em F. de Castro, Modas S/A¹⁷, a ter a denominação sociedade em nome coletivo F. de Castro & Cia., tendo como sócia herdeira e majoritária Anna Margarida Freitas de Castro, desquitada, sucessora da firma F. de Castro individual e os sócios Antônio Batista Pires, Antônio Dias Correa Braga, portugueses e comerciários, Edgar Ramos de Souza e Nilson Girão Cardoso, brasileiros e comerciários, Raul Engelhard, brasileiro, viúvo e fazendeiro e Adolfo Burgos Xavier, brasileiro e contabilista, cada qual com depósitos em conta corrente do novo capital social totalizando Cr\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil cruzeiros). A partir desse momento terá por objeto a exploração do comércio de tecidos, armarinho, miudezas, artigos para presente, decoração e perfumaria, por grosso e ao retalho.

Em 12 de abril de 1978, Anna Margarida Freitas de Castro, brasileira, divorciada, comerciante e residente na cidade do Rio de Janeiro, declara e nomeia

seu bastante procurador¹⁸ Francisco de Castro Henriques, brasileiro, casado, engenheiro e residente em Belém, o qual tomará conta da loja até os finais de suas atividades.

Em 1º de abril de 1994 é comunicada à Delegacia da Receita Federal o encerramento das atividades da firma F. de Castro Cia. Ltda., sob responsabilidade de Francisco de Castro Henriques, sito à Rua Santo Antônio, hoje sob nº 132. Consta-se que na trajetória da firma F. de Castro, Francisco de Castro consegue ser bem sucedido, continuando nas mãos das gerações futuras, chegando até a 4ª geração, onde sua filha Anna Margarida usufrui dos rendimentos junto com os filhos até o dia de sua morte¹⁹.

O edifício Paris N'América ficou durante 124 anos nas mãos da família de Francisco de Castro, que outrora foi casa de moda francesa, que era a representação de requinte e luxo para as altas classes sociais da época, sendo hoje considerado um dos mais emblemáticos patrimônios da cidade.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

FIGURA 8
Árvore genealógica de Francisco de Castro

Considerações finais

O percurso desse artigo nos trouxe a afirmação de que os portugueses foram os principais imigrantes da cidade de Belém e dos mais variados tipos de comércio. No caso estudado do imigrante Francisco Pereira de Castro, traz a moda para a Belém da Belle Époque junto com outras empresas importantes, mas que infelizmente, não mais existem em nossa cidade. As lojas de tecidos, armarinhos e miudezas relacionadas à moda mais importantes foram: Bon Marché, Grandes Armazéns Leão da América, Casa Africana, Loja Brazil, Grandes Armazéns do “Globo”, Casa Engelhard, A’Brasileira, Armazéns Novo Mundo, Casa Guerra, Mariposa, Loja Boa Fama, e outras, situadas em sua grande maioria na Rua dos Mercadores e na Rua Santo Antônio.

Num segundo momento, a explanação sobre o projeto arquitetônico dessa emblemática edificação foi delineada para entendermos a importância por ser considerada um dos patrimônios mais significativos na memória e pertencimento das pessoas que a frequentaram e as que a visitaram por ter sido uma bela loja estrangeira, com arquitetura única trazendo como modernidade além dos materiais, a existência dos grandes panos de vitrines, permitindo a nova forma de comunicação entre transeuntes e clientes e com produtos de extrema qualidade.

Por último, o fato de a loja ter permanecido nas mãos dos familiares por 124 anos, pode ser visto como uma manifestação ou herdada e transmitida de geração em geração, quando vinculada a aspectos diretamente relacionados à memória daqueles que a construíram. Francisco de Castro trouxe de terras distantes a forma de atender, vender e receber seus clientes; assim, conseguiu ser acolhido e recebido numa nova cultura dentro de um novo contexto urbano com o processo de industrialização.

NOTAS

1. A divisão administrativa de Portugal compreende os “Distritos” que agrupam um certo número de “Concelhos” e têm à frente um representante do governo com funções de caráter administrativo, dentre elas, vale destacar, para fins desse trabalho, a responsabilidade de emissão de passaportes. Os “Distritos” foram instituídos pela Lei de 25 de abril de 1835. Cf: SOUSA; ROCHA, s./d.
2. O comércio da goma elástica se acentua regionalmente, particularmente a partir da década de 1850, tendo alta no ano de 1860, firmando-se na pauta de exportação a partir de 1870. Desde então, a economia da borracha se consolida ao longo de todo o século XIX

- e início do XX, entrando em crise a partir do ano de 1911, quando outros produtos ganham maior espaço na lista de exportação, como a castanha-do-Pará (CANCELA, 2011).
3. Trata-se de uma documentação com informações sobre diversos dados do imigrante relativos à: nome, apelido, naturalidade, data de nascimento, estado, profissão, última residência no reino, residência no distrito consular, data de chegada, data de matrícula e a forma pela qual justificou a sua nacionalidade. (Ministério dos Negócios Estrangeiros. Documentos apresentados às Cortes. Regulamento Consular Português. Decreto de 20 de março de 1855, p. 259).
 4. Sabemos que cabia também ao consulado a tarefa de certificar e emitir título de nacionalidade, ser depositário de testamentos de súbditos portugueses, lavrar escrituras, arrecadar espólios, além de emitir registro civil. Portanto, uma série de serviços associados ao patrimônio e à condição social dos sujeitos que podiam servir de estímulo à inscrição consular, particularmente daqueles que possuíam algum tipo de patrimônio e precisassem legitimá-lo, receber herança, distribuir herança, obter escrituras de bens, iniciar um negócio, enfim, questões associadas ao patrimônio que poderiam atrair com mais frequência os portugueses que possuíssem um volume maior de recursos e/ou estivessem envolvidos em atividades comerciais.
 5. Este pode ser mais um limite das habilitações consulares. Talvez as pessoas envolvidas no comércio tivessem maior recurso para pagar os emolumentos e taxas exigidas pelo consulado, ou maior interesse em regulamentar sua naturalização portuguesa, e meios para fazê-lo, do que aqueles trabalhadores da lavoura e da pesca.
 6. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Regulamento Consular Português. p. 36.
 7. Documentação de dados registrados no Arquivo Histórico Ultramarino.
 8. O entrosamento de Lemos com o Governo do Estado, no período de 1901 a 1908, fez de Belém uma das capitais mais belas do país. Junto com alguns engenheiros e famílias ricas permitiu a Belém luxos, hoje lendários, em arquiteturas ecléticas e estruturas em ferro, onde podemos destacar a loja Paris N'América como o exemplo mais representativo da Belle Époque desse período.
 9. A Rua do Ouvidor, no Centro do Rio de Janeiro, foi a primeira a concentrar lojas francesas, local conhecido como o “beco de luxo”, o endereço mais chique da cidade. Ali se estabeleceram muitos profissionais da moda que vão entre costureiras, alfaiates e grandes lojas, como a famosa loja Notre Dame de Paris.
 10. Foi a primeira firma comercial a se inscrever na Junta Comercial de Belém em 1877, sob o número 001.
 11. Documento e depoimento do neto Francisco de Castro Henriques - 3ª geração de Francisco de Castro.
 12. Documento – Diário da Obra de Francisco de Castro, fornecido pelo bisneto de Francisco de Castro – 4ª geração, Sr. Francisco de Castro Loureiro Henriques, onde aparece a encomenda do projeto ao engenheiro italiano Filinto Santoro, também responsável por outras grandes construções em Belém, como o Mercado de São Braz, Palacete Augusto Montenegro e o Colégio Gentil Bittencourt.
 13. O gesso de Estuque de Paris permitia a produção de pormenores com arestas vivas já que era mais resistente do que a cal e fazia presa antes de ser retirado dos moldes. Além disso, a moldagem com cal demora mais tempo do que se usando o Estuque de Paris, porque a cal tem que ser usada muito espessa e tem que ser apertada contra o molde. Mesmo assim, encontramos no século XVIII trabalhos em que as modelações foram feitas com cal e não com gesso. A sua vantagem é que, depois de ser retiradas dos moldes, podem ser deformadas e ajustadas enquanto ainda estão moles, permitindo variações menores nos pormenores entre uma modelação e outra. O emprego da cal e do gesso em casos diferentes pode ter sido parcialmente relacionada com tradições locais, mas

também pode ter a haver com a disponibilidade destes materiais (RATICLIFFE, 2003, p. 2).

14. Documento – Diário da Obra de Francisco de Castro, fornecido pelo bisneto de Francisco de Castro – 4ª geração, onde aparece o valor anotado em sua contabilidade da obra.
15. Na foto 6, superior Francisco de Castro aparece de roupa branca bem à frente.
16. Documento da Junta Comercial de Belém, Declaração de Registro nº 1036, 1ª Via, p. 1740-1741.
17. Documento da Junta Comercial de Belém, Escritura Nº144/50, Livro nº 38, folhas 142v.
18. Documento de Procuração – Traslado nº 1839, Livro 304, folha 83 do Cartório Chermont.
19. Anna Margarida Freitas de Castro morre com 97 anos na cidade do Rio de Janeiro em 28/10/2005.

REFERÊNCIAS

Documentos

Documento do Diário de Obras do edifício Paris N'América. Fornecido pelo bisneto Francisco de Castro Loureiro Henriques.

Entrevista

ENTREVISTA com Alda Loureiro Henriques. Em 25/05/2013. Depoimento oral.

415

Bibliografia

ALVES, Jorge Fernandes. *Os brasileiros: emigração e retorno no Porto oitocentista*. Porto, 1994.

ANDRADE, Paulo de Tarso. *Belém e suas histórias de Veneza Paraense a Belle Époque*. 2. ed. rev. e editada. Belém: 2004.

BASSALO, Célia Coelho. *Art Nouveau em Belém*. Brasília: Iphan; Programa Monumenta, 2008.

BAUDOT, François. *Moda do Século*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda e sociabilidade: mulheres e consumo na São Paulo dos anos 1920*. São Paulo: Editora Senac, 2007.

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. *História da moda no Brasil: das influências às autoreferências*. São Paulo: Pyxis Editorial, 2011.

CANCELA, Cristina. Donza. Casamentos portugueses em uma capital da Amazônia. Perfil demográfico, normas e redes sociais. Belém (1891-1920). *História*, São Leopoldo: Unisinos, v. 15, n. 1, 2011.

CANCELA, Cristina. Donza; BARROSO, Daniel Souza. Imigração portuguesa e casamento: um olhar a partir do gênero, da geração e da atividade (Belém, 1908-1920). In: SARGES, Maria de Nazaré et alii. *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Pakatatu, 2010.

CANCELA, Cristina. Donza; COSME, João Santos Ramalho. Entre fluxos, fontes e trajetórias: imigração portuguesa para uma capital da Amazônia (1850-1920). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 232-254, 2016.

CHAMBOULEIRON, Rafael. *Povoamento, ocupação e agricultura na Amazônia colonial (1640-1706)*. Belém: Açai, 2010.

COSME, João dos Santos Ramalho. *A emigração portuguesa para o Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007.

ESQUENAZI, Rose. As coquettes de Copacabana. In: FIGUEIREDO, Luciano (Org.). *A França nos trópicos*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FERREIRA, Maria Henriques; HAGE, Fernando. *Loja Paris N'América: metodologias de estudo da história da moda*. In: *10º Colóquio de moda. 7ª Edição Internacional; 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design e Moda 2014*.

GUIMARÃES, Luiz Antônio Valente. *De chegadas e partidas: trajetórias de vidas de portugueses no Pará (1800-1850)*. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

HAGE, Fernando. Vestuário e história pelas ruas de Belém. *Revista Dobras*, v. 6, n. 13, 2013.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA – Edição semanal do Jornal O Século. Lisboa, 15 set. 1913, série n. 39.

NUNES, Benedito; HATOUM, Milton. *As crônicas de duas cidades: Belém – Manaus*. Belém: Secult, 2006.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. Entre estuques, ladrilhos hidráulicos e assoalhos de madeira da Loja Paris N'América. In: SANTOS, Amanda Basilio; AIRES, Anderson Pires; SANTOS, Carlos Alberto Ávila (org.). *Anais do IV Colóquio Internacional A casa senhorial* [livro eletrônico]: Anatomia dos Interiores. Pelotas: CLAEC, 2017.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. O uso do ferro nos palacetes de Belém: Paris N'América. In: *VI Colóquio Internacional A casa senhorial: anatomia dos Interiores*. Belém, 2019.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. Paris n'América: um palacete com dupla função. In: PESSOA, Ana; MALTA, Pessoa (org.). *Anais do II Colóquio Internacional Casa senhorial: anatomia dos interiores*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2015.

PERSONAGENS DO COMÉRCIO. Edição Histórica – Belém 400 anos. Associação Comercial do Pará, 2018.

OLIVEIRA, Macola Mac-Dowell de; ALBIM, Ruth Helena de Melo e Silva. *Loja "Paris N'América": leituras e propostas arquitetônicas*. Belém, 1988. Monografia (Graduação em Arquitetura) – Universidade Federal do Pará.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

SOUSA, Fernando de Sousa; ROCHA, Ricardo. *O distrito de Bragança (1835-2011)*. Disponível em: <http://www.cepese.pt/portal/pt/investigacao/working-papers/relacoes-externas-de-portugal/o-distrito-de-braganca-1835-2011/distrito-de-braganassa-pdf>.

Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes é Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagem e Cultura da Universidade da Amazônia (UNAMA). Pós-Doutora pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa e também pela Universidade do Porto, ambas em Portugal. Doutora em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano e Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UNAMA.

Como citar:

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. Paris N'América: migração da moda em Belém do Pará. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 396-417, jul./dez. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.